

SISTEMA DE ENSINO NA GUINÉ-BISSAU: ESTUDO SOBRE O IMPACTO DO EUROCENTRISMO NO NÍVEL BÁSICO DO SISTEMA DE ENSINO GUINEENSE

José Semedo Júnior¹

Rutte Tavares Cardoso Andrade²

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o sistema de ensino na Guiné-Bissau, considerando os processos históricos, o sistema cultural e a educação endógena guineense, no período colonial e pós-colonial. Neste sentido parto da seguinte questão: quais são os impactos do fenómeno do eurocentrismo, no nível básico do sistema de ensino guineense? Nesta seara, terei em devida conta, o Programa de Ajustamento Estrutural (PAE), e os conteúdos dos manuais didáticos do ensino básico guineense, entre 2010 a 2020, e seus impactos na realidade sociocultural dos alunos, em cidade de Bissau e Quinhamel. Outrossim, a pesquisa é conduzida a partir do paradigma epistemológico afrocentrada baseada no reconhecimento e valorização da identidade histórica e cultura guineense (ASANTE, 1990a) e a reafirmação das mentes (CABRAL, 1984). Ademais, para a sua realização utilizei a pesquisa bibliográfica como viés exploratório, desfrutando de metodologia qualitativa. Conclui que existe um sistema de ensino no nível básico de exclusão, racista e demais preconceitos, torna-se necessária a implementação de um sistema de ensino para a emancipação do povo guineense e para libertação cultural.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Cultura; Eurocentrismo; Sistema de Ensino.

UNILAB, IHL-MALÊS, Discente, semedojuniorjose@gmail.com¹

UNILAB, IHL-MALÊS, Docente, rutteandrade@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva abordar sobre o sistema de ensino na Guiné-Bissau, com especificidade de estudar o fenômeno do eurocentrismo no sistema de ensino, no nível básico. Ou seja, busca explicar o impacto do eurocentrismo na realidade sociocultural dos alunos e alunas. Nesta sequência, no tocante ao objetivo geral, o trabalho busca compreender o fenômeno do eurocentrismo e os seus impactos no sistema de ensino guineense, a nível de ensino básico, entre 2010-2020. Por outro lado, os objetivos específicos assentam justamente analisar o sistema educativo da Guiné-Bissau no período colonial e pós-colonial, analisando os programas do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional no sistema de ensino guineense, e de descrever os conteúdos dos manuais didáticos de ensino básico guineense e seus impactos na realidade sociocultural. Outrossim, as problematizações do trabalho são seguintes: quais são os principais impactos do eurocentrismo no sistema de ensino guineense no ensino básico, na alteração e modificação da realidade local? Partindo desta questão abordaremos o tema, no esforço de analisar e explicar os impactos de sistema escolar eurocêntrica nesse país de grande valor cultural.

METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho, é foi utilizado a metodologia bibliográfica, também viés exploratório e de uma metodologia qualitativa de cunho etnográfico e a técnica de recolhe e análise de dados, vai ser a observação participante, incluindo a entrevista e análise de conteúdo dos materiais didáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho busca analisar de uma forma crítica o fenômeno de eurocentrismo no sistema de ensino guineense, no nível básico. O fenômeno de eurocentrismo está presente no sistema de ensino guineense instaurado pelo sistema de colonização e a sua agenda de dominação. Definimos esta fenômeno como a ideia de Europa no centro de tudo, e a mais importante das culturas que constituem a diversidade do mundo, e ainda apresenta uma visão da centralidade e de que as culturas europeias são referência no contexto de composição de toda sociedade (BENEDICTO, 2016).

Os guineenses sempre tiveram seus modos de aprendizagem onde uma delas é a oralidade, de boca a ouvido, esta aprendizagem é passada de geração mais velha a mais nova, e que ainda não se perdeu em total pela escrita e ela é uma grande herança guineense. E ainda, está ligado com a cultura, ademais, é muito extensivo e integracionista, porque tem ligação entre indivíduos, é o modo de vida que são produzidas e praticadas em sociedades e passada de geração a geração, por meio da oralidade. Por conseguinte, os argumentos acima apresentados, percebe-se que cada sociedade é criadora e portadora da cultura. E, tendo a educação como um meio para transmitir esses conhecimentos e forma de relacionamento. Desta forma, faz com que a instituição escolar seja um espaço onde a cultura é organizada e assegurada a sua sobrevivência, assim, cria adaptação entre as pessoas e o mundo que elas vivem.

Porém, com a presença dos colonizadores portugueses provavelmente nos anos de 1446, que manifestaram levar a “civilização” ao “selvagem”, com a ajuda da igreja católica, porque a igreja católica tinha uma grande importância para a colonização portuguesa, com a programação do sistema educacional portuguesa, a cultura oral começou a ser silenciada pela cultura escrita, que é uma estrutura que os guineenses não se encaixavam até então esse sistema de ensino ocidental não contempla a realidade sociocultural da Guiné-Bissau.

Nesse sentido, esse sistema é de grande distanciamento da realidade da vida social guineense, tanto as estruturas e os conteúdos abordados, que era relativo ao ocidente, um sistema de ensino de exclusão, não só

da maioria da população, mas também de marginalizar os seus conhecimentos e as suas culturas, ademais, com objetivo de destruir os valores das tradições da sociedade guineense para consolidação da sua ideologia políticas, e económicos em detrimento da exploração e dominação. Outrossim, após onze anos de luta armada para a sua libertação nacional, a Guiné- Bissau mesmo com a conquista da independência, no dia 24 de setembro 1973, até data presente ainda sofre a consequência da dominação colonial na educação. Quer dizer, continua a prevalecer o eurocentrismo na educação escolar guineense, que se tornou preponderante no país em debate, excluindo os conhecimentos e o contexto guineenses.

Ademais, o currículo escolar guineense é uma forma de continuação de dominação, foi feito e continua sendo pensada para classe hegemônica, os assimilados, e para os que têm condições de continuar os estudos. Porque esse sistema escolar não oferece uma instrução de base para crianças e adolescentes, para que possam desenvolver as suas capacidades intelectuais em reflexão e crítica no mundo que vivem e para uma libertação mental. Nessa perspectiva, com a criação do Programa de Ajustamento Estrutural (PAE), por Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI), no âmbito da educação, começaram a atuar-se no ensino básico guineense, desde 1986, através do projeto denominado "Firkidja"., foi um progresso importante no que tange a possibilitação da entrada das crianças e adolescentes nas escolas, mas grande parte das crianças e adolescentes continuam fora, porque a educação escolar passou atuar em fim lucrativo, prezando insignificamente em qualidade de ensino e marginalizando ainda mais a realidade sociocultural, ou seja, os currículos não atendem as necessidades dessas crianças e adolescentes. É evidente que, estes organismos internacionais, no que diz respeito a ajustamento estrutural do sistema educativo, não se preocupam com os saberes locais e com os conhecimentos sociais para encostala no currículo, ademais, o sistema educacional guineense continua a favorecer certo grupo com estabilidade econômica e colocar em margem grande maioria das crianças e adolescentes com baixa renda familiar.

Nesse sentido, os manuais didáticos que são instrumentos pedagógicos que desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, nas escolas, sejam privados, públicas e comunitárias, sobretudo no ensino básico que é o foco deste trabalho. Por isso acabam por serem uns dos impactos da sobreposição do eurocentrismo no sistema de ensino na Guiné-Bissau, porque os conteúdos não abordam sobre as matrizes e as realidades que essas crianças e adolescentes vivem. Nota-se que, os manuais já vêm com narrativas eurocêntricas construídas ao longo tempo, os manuais didáticos na Guiné-Bissau são estruturais, estruturante e de continuação do poder do colonial e neocolonial, também para homogeneizar de baixo de um único conhecimento ocidental e visibilizar as nossas culturas, uma vez que, as crianças e adolescentes são mal representados nos manuais didáticos. Nesse sentido, com toda esta diversidade de expressões humana da Guiné-Bissau, a língua portuguesa continua sendo a língua oficial na escolarização, mas não sendo uma língua falada e materna da maioria dos alunos e alunas. Dessa forma, a língua portuguesa sendo a língua de escolarização, mas apresenta um grande baixo desempenho ao uso oral no ensino básico, por causa da presença da língua guineense e de mais línguas locais falada em Guiné-Bissau.

CONCLUSÕES

Diante dos argumentos apresentados, conclui que existe um sistema de ensino no nível básico para os guineenses, mas não um sistema de ensino dos guineenses. Porque é um sistema de ensino que foi instalada pelo sistema de colonização e a sua agenda de ocupação. Isso significa, em primeiro lugar, reconhecer que o racismo existe no sistema de ensino guineense, uma vez que, o sistema não dialoga com a realidade sociocultural, econômico e ambiental. Ademais, é um sistema de exclusão de uma grande parte das crianças e adolescentes e ainda das suas realidades culturais, e trabalha com a noção de igualdade no campo da lei,

mas não da equidade no campo social. Por isso, torna-se necessária a implementação de um sistema de ensino de qualidade e inclusiva, baseada no reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos diversos grupos sociais que ajudaram na formação da sociedade guineense. Ademais, promovendo a emancipação do povo guineense por meio da educação, ou seja, um sistema de ensino que vai dialogar com a realidade sociocultural do país em questão, mas também que busca transformá-la. Neste sentido, o sistema de ensino deve responder e dialogar com a sua comunidade para que haja uma libertação cultural e que não sirva de ato de aculturação.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos vão para a UNILAB, minha orientadora, a minha família e os meus amigos, que sempre me apoiaram nessa caminhada. Ademais, para SEMUNI pela oportunidade de partilhar o meu trabalho.

REFERÊNCIAS

- BENEDICTO, Matheus, Ricardo. **Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma crítica afrocentrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro**, São Paulo, s.n., 2016.
- CABRAL, A. **A estrutura social**. In: **A arma da teoria: unidade e luta**. Lisboa: Seara Nova, 1978, v. I.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LOURENÇO Ocuní Cá. **A Educação durante a Colonização Portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973)**. 2000.
- MENDES, Leonel Vicente. **(Des)caminhos do sistema de ensino guineense: avanços, recuos e perspectivas**. ed. Curitiba: CRV, 2019.
- MORGADO, José Carlos; SANTOS, Júlio; SILVA, Rui da. **Currículo, memória e fragilidades: contributos para (ré) pensar a educação na Guiné-Bissau**. Configurações, vol. 17, 2016, pp. 57-77
- NKRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo: último estágio do Imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965